



RESENHA

Livro comentado e analisado: LOPES, J. R. (1995), **A Cultura como crença**. 1ª edição, São Paulo: Hobe Editorial; Taubaté: Cabral Editora.

Cultura: significados em movimento

Autora: Letícia Faria Silva¹

O livro “A Cultura como crença” de José Rogério Lopes é resultado de uma pesquisa participativa realizada junto à União Folclorista São Benedito, do bairro Belém, em Taubaté-SP e, particularmente, junto à rotina da Cia. de Moçambique São Benedito do Belém de janeiro de 1986 a junho de 1991. A preocupação principal é compreender os elementos que constituem a vida de um grupo que atua no segmento religioso do catolicismo popular, conhecer a identidade de cada participante, seus questionamentos, o modo como vivem e como ocorreu a trajetória de suas famílias na migração do campo à cidade.

O trabalho é apresentado em seis capítulos, divididos em três partes. O primeiro capítulo, denominado “O motivo”, envolve a apresentação do tema e dos principais assuntos abordados. Ele é a base para compreensão da história e significados do Moçambique e do sentido de religião em que é baseada a pesquisa. O autor também trata neste capítulo, de maneira bem detalhada, o confronto de culturas que ocorre na transição dos “sujeitos populares” do campo à cidade e destaca as primeiras percepções da convivência com a Cia. de Moçambique.

¹ graduanda UNITAU – Universidade de Taubaté. Email: leta.faria@gmail.com

Neste momento da pesquisa, Lopes passa a perceber como os sujeitos lidavam com as primeiras entrevistas. Ao serem abordadas, as pessoas tinham a tendência de darem respostas feitas (tratar de assuntos já tantas vezes levantados em outras entrevistas). Somente quando perceberam que também podiam expor os próprios pensamentos é que começaram a questionar e a dirigir a reflexão do pesquisador com relação a alguns aspectos. Essa e outras observações sobre a convivência durante a pesquisa são importantes aprendizados para novos pesquisadores.

No segundo capítulo, o autor se preocupa em responder uma pergunta que ele mesmo faz: *Quem são os homens?* Para isso, descreve o início do relacionamento com o grupo e define as características que mais se acentuaram em cada pessoa no período de convivência. Ao mesmo tempo em que tenta responder a questão, Lopes expõe um caráter espontâneo e descontraído ao texto, por perceber que o leitor está ainda no início do contato com o trabalho. É importante sua percepção inicial de que o sentido do grupo de Moçambique vai além do simples encontro para a “dança” ou dos momentos de reza. Para ele, a relação funciona como uma situação envolvente de devoção a São Benedito e a outros santos.

O foco do terceiro capítulo é reconhecer as diversas histórias de vindas para a cidade. Nele, são destacados relatos da trajetória da “roça” para a cidade e quais os fatores que caracterizaram essa transição. As falas possuem certa semelhança, porém se diferenciam na forma como foi enfrentado esse processo de mudança e em quais momentos houve resistência ou transformação. O quarto capítulo trata do presente, abordando o modo como essas pessoas vivem na cidade e quais são seus novos trabalhos. O mais cativante nos relatos, e que pode gerar questionamentos para outras pesquisas, é a necessidade dessas pessoas de sobreviverem e fazerem sobreviver suas crenças, apesar do novo mundo e das imposições da sociedade.

O quinto capítulo, e mais longo, tem diversas subdivisões que pretendem representar a situação atual da União Folclorista São Benedito do Belém. São apresentadas outras atividades culturais em que os integrantes da Cia. de Moçambique participam em épocas diferentes, como a Folia de Reis, Catira, Reza de Presépio, novena, Dança de São Gonçalo e o Jongo (apesar da última não ser uma manifestação do catolicismo popular). Há também a percepção de que a Cia. é dividida em dois níveis:

um interno, ligado à união por parentesco e outro externo, através da relação com a União Folclorista.

São Benedito é outro destaque do capítulo. A história do Santo, contada por um dos mestres da Cia, demonstra o porque da devoção. O santo negro, pobre e humilde, se dedicou à causa dos desfavorecidos. É esse perfil que carrega tantos devotos, desfavorecidos como ele, que dançam e cultuam diversos rituais em busca da sobrevivência de uma identidade.

Neste momento da leitura é possível perceber como as pessoas observadas passam a lidar com o novo modo de vida. Há aqueles que sentem saudades dos “velhos tempos” da dança e outros que encaram as novas situações com bom humor.

O sexto capítulo, *Rezas: participação, dádivas, memórias e mandigas*, mostra o diferencial do grupo de Moçambique estudado. Embora o grupo se dedique à reza em boa parte dos momentos, em todos os outros o clima é de descontração e de brincadeiras, como na época em que participam da Folia de Reis. Isso ocorre, pois as pessoas já se conhecer a certo tempo (desde a época em que moravam no campo) e reconhecem nos parceiros bons companheiros de reza, o que contribui para os momentos de diversão.

É percebida também, a preocupação das velhas gerações em manter e difundir tantas tradições. Porém, ao mesmo tempo, buscam sempre pessoas do próprio círculo de convivência para preencher as lacunas e não estimulam as novas gerações a quererem ampliar o grupo. O confronto de culturas, citado anteriormente, continua entre as oportunidades que a sociedade oferece e a visão de mundo que já estava formada antes da migração. Nessa batalha, principalmente com as novas gerações, os novos atrativos da cidade acabam sendo mais interessantes do que a visão de mundo já formada.

É assim, contando a história da trajetória das pessoas, famílias e grupos que se juntaram formando a Cia de Moçambique que J. Rogério Lopes tenta mostrar que a cultura é um movimento e não um conceito acabado. O texto, que sempre dá importância às pessoas e a seus questionamentos, pode ser indicado para pesquisas na área de cultura popular e para estudos sobre as mudanças geográficas e sociais de um grupo do catolicismo popular.